



**Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe
Especialização em LIBRAS: tradução, interpretação e ensino
Núcleo de Pós-Graduação e Extensão**

EDUCAÇÃO DE SURDOS NA PERSPECTIVA BILÍNGUE: DESAFIOS NO COTIDIANO ESCOLAR

Cezarevyte Sales Falcão¹

RESUMO

Os surdos brasileiros têm o direito garantido por Lei desde 2002 a uma educação bilíngue. Assim, os surdos devem estudar em salas de aula regular juntamente aos alunos ouvintes, tendo acesso a todos os saberes do cotidiano escolar. Para isso a Língua Brasileira de Sinais – Libras apresenta-se como crucial neste processo. Com disso, surgem questionamentos acerca da forma de ensinar em uma sala que deve compartilhar de duas línguas. No entanto, essa prática pode se configurar em um grande desafio para os docentes que encontram no seu cotidiano escolar tal realidade. Portanto, surge o questionamento: Quais são os desafios encontrados na prática docente em turmas que têm alunos surdos? Partindo dessa, objetiva-se neste compreender os desafios que os docentes nas séries iniciais enfrentam no seu cotidiano para ensinar os alunos surdos. A metodologia contou com a coleta de informações junto a quatro docentes, das séries iniciais, que atuam em uma escola pública, da rede estadual, que conta com um número significativo de alunos surdos matriculados. Como resultado observou-se que as docentes dominam a Libras, no entanto há carência de materiais pedagógicos, bem como adaptação de conteúdos e atividades. O desconhecimento da Libras pelos próprios surdos e seus familiares também se configuram em um desafio cotidiano.

Palavras-Chave: Bilinguismo. Desafios. Educação de Surdos.

¹ Aluna do Curso de Pós-Graduação em LIBRAS: Tradução, Interpretação e Ensino.

RESUMEN

Los sordos brasileños tienen el derecho garantizado por Ley desde 2002 a una educación bilingüe. Así, los sordos deben estudiar en aulas regulares junto a los alumnos oyentes, teniendo acceso a todos los saberes del cotidiano escolar. Para ello la Lengua Brasileña de Señas - Libras se presenta como crucial en este proceso. Con eso, surgen cuestionamientos acerca de la forma de enseñar en una sala que debe compartir dos lenguas. Sin embargo, esta práctica puede configurarse en un gran desafío para los docentes que encuentran en su cotidiano escolar tal realidad. Por lo tanto, surge el cuestionamiento: ¿Cuáles son los desafíos encontrados en la práctica docente en las clases que tienen alumnos sordos? A partir de esa, se objetiva en este comprender los desafíos que los docentes en las series iniciales enfrentan en su cotidiano para enseñar a los alumnos sordos. La metodología contó con la recolección de informaciones junto a cuatro docentes, de las series iniciales, que actúan en una escuela pública, de la red estatal, que cuenta con un número significativo de alumnos sordos matriculados. Como resultado se observó que las docentes dominan a Libras, sin embargo hay carencia de materiales pedagógicos, así como adaptación de contenidos y actividades. El desconocimiento de la Libras por los propios sordos y sus familiares también se configuran en un desafío cotidiano.

Palabras – clave: El bilingüismo. Retos. Educación de Sordos.

1 INTRODUÇÃO

A educação de surdos tem suscitado muita discussão nos últimos anos, principalmente pelo advento da inclusão escolar. Com essa, os surdos devem estudar em salas de aula regular, ou seja, junto com os outros alunos. A discussão gira ao entorno da comunicação, pois os surdos usam para se comunicar a Língua Brasileira de Sinais – Libras, portanto uma língua diferente da maioria de seus colegas.

Diante disso, surgem questionamentos acerca da forma de ensinar em uma sala que deve compartilhar de duas línguas. Para isso, o bilinguismo se apresenta como caminho, neste as duas línguas convivem harmoniosamente na sala de aula regular.

No entanto, essa prática pode se configurar em um grande desafio para os docentes que encontram no seu cotidiano escolar tal realidade. Diante disso, surge o questionamento: Quais são os desafios encontrados na prática docente em turmas que têm alunos surdos?

Em busca da resposta essa pesquisa tem como objetivo geral compreender os desafios que os docentes nas séries iniciais enfrentam no seu cotidiano para ensinar os alunos surdos. E como objetivos específicos: a) Identificar as dificuldades enfrentadas pelos professores que trabalham com os alunos surdos; b) Analisar os desafios enfrentados pelos professores em relação a preposta do bilinguismo; c) Apresentar sugestões para superar os desafios no cotidiano escolar em relação a proposta bilíngue.

Essa pesquisa justifica-se pela preocupação que há em relação a educação de surdos neste país, pois apesar de haver uma legislação muito pertinente a temática, que garante o uso da Libras em ambientes educacionais, além da proposta do bilinguismo, ainda há uma batalha para ser vencida no diz respeito a prática.

Os dados empíricos desta pesquisa foram coletados em uma escola da rede estadual de educação que possui um número significativo de alunos surdos, esses estão matriculados em salas de aula regular e no turno inverso frequentam a sala de recursos multifuncionais. Tendo como foco as séries iniciais, foi realizada uma entrevista a quatro docentes que estão atuando nestes anos.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) a educação das pessoas com deficiência passou a ser uma modalidade, esta perpassa por todos os níveis e modalidades. Sendo assim, as pessoas com deficiência devem frequentar a escola regular e no turno inverso a atendimento educacional especializado. Nesta perspectiva, no ano de 2008 é lançada a Política Nacional de Educação Especial Na perspectiva Inclusiva, esta objetiva direcionar o processo de inclusão no País.

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento aos estudantes com deficiência (Visual; Surdez; Intelectual; Física; Múltipla, Surdocegueira) transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Nestes casos e em outros, como os transtornos funcionais específicos, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento desses estudantes. (BRASIL, 2008).

E ainda:

A educação especial direciona suas ações para o atendimento às especificidades desses estudantes no processo educacional e, no âmbito de uma atuação mais ampla na escola, orienta a organização de redes de apoio, a formação continuada, a identificação de recursos, serviços e o desenvolvimento de práticas colaborativas. (BRASIL, 2008).

Portanto, as pessoas com deficiência devem estar matriculadas nas escolas regulares, junto com todos os estudantes da mesma idade. No entanto, têm o direito de acesso a serviços e atendimento extras para que não fiquem para trás, em relação aos seus companheiros de sala, independentemente de ter uma deficiência ou não. Esses princípios estão pautados na inclusão e não na exclusão.

Cabe aos sistemas de ensino, organizar a educação especial na perspectiva da educação inclusiva, disponibilizar as funções de instrutor, tradutor/intérprete de Libras e guia-intérprete, bem como de monitor ou cuidador dos estudantes com necessidade de apoio nas atividades de higiene, alimentação, locomoção, entre outras, que exijam auxílio constante no cotidiano escolar. (BRASIL, 2008).

Todavia, as redes de ensino devem se reorganizar para dar conta desta demanda, assim, alguns profissionais como tradutores/intérpretes devem passar a fazer parte do quadro de servidores das escolas. Esse profissional é quem viabilizará a inclusão do surdo ao ambiente escolar. Esse é um direito já garantido para os surdos desde o ano de 2002.

A Lei nº 10.436 de 2002, garante aos surdos brasileiros o direito de uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras, sendo está reconhecida como Língua deste País. Desta forma, o acesso a informações nesta língua passa a ser garantido nos diferentes locais. Sobre este destaca-se a escola por ser um ambiente de fundamental importância na vida dos surdos.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

A Libras - Língua Brasileira de Sinais é natural da comunidade surda, ela teve origem da língua de sinais francesa. O surdo vem enfrentando desde a antiguidade obstáculos, pois, eram considerados inferiores, incapazes de pensar ou raciocinar, portanto, para a sociedade da época eram imperfeitos. Já segundo a igreja católica, não tinham direito de herdar terras, casar-se ou estudar eram mantidos presos em seus próprios lares por vergonha da família, queimados vivos ou lançados ao mar.

355 A.C.- O filósofo Aristóteles (384-322 A.C.) acreditava que quando não possuíam linguagem e tampouco pensamento, dizia que "... de todas as sensações é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento..., portanto, os nascidos surdo-mudo se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão". Ele achava absurdo a intenção de ensinar o surdo a falar. (STROBELL, 2010, p. 18).

Em 1880 com o congresso nacional de professores de surdos de Milão, foi adotado o oralismo o meio eficaz para a educação dos surdos, excluindo todos os outros métodos educacionais.

Durante o período em que a linguística se ocupava principalmente da evolução históricas das línguas ou dos outros problemas não relativos à estrutura linguísticas, as línguas de sinais não foram estudadas, ou seja, passaram despercebidas. Essa negligência com relação às línguas

espaços- visuais foi, através da responsabilidade do que ocorreu em Milão, em 1880, isto é, a proibição das línguas de sinais pelas escolas, pelos pais de surdos e pelos próprios surdos. Se nessa época os linguistas estivessem presente ao encontro com seus estudos sobre essa modalidade de língua, provavelmente, a proibição não tivesse sido aprovada, e isso mudaria a história das comunidades surdas de vários países. (FERREIRA, 2010, p.13.)

Muitos médicos, religiosos e estudiosos começavam a trabalhar a partir do século XVIII, sobre a educação do surdo achando-o improvável, ainda neste contexto os surdos foram associando-se formando guetos, comunidades para que pudessem viver sua cultura; trocando experiências, lazer, fortalecendo sua identidade surda.

A comunidade surda como sendo jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modifica-lo a fim de torna-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais que contribuem para a definição das identidades. (STROBELL, 2008, p.24).

A respeito da identidade surda, Santana e Bergamo (2005, p. 571) afirma, “A identidade não pode ser vista como inerente às pessoas, mas, sim como resultado de práticas discursivas e sociais em circunstâncias sócio- históricas particulares”.

A língua de sinais não é composta somente pelo alfabeto manual e sequer por palavras soltas, ela é composta de sinais com significados que dentro de um contexto podem traduzir toda e qualquer situação.

Sobre a Libras é possível afirmar ainda que:

A língua de sinais não é universal e cada país possui sua própria língua de sinais com variações regionais. No Brasil a libras é reconhecida pela lei: 10.436-2002 é entendida como forma de comunicação e expressão de um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos oriundos de comunidade de pessoas surdas do Brasil. (ALVES; FERREIRA; DAMAZIO, 2010, p.10-15).

[...] As línguas de sinais são línguas naturais porque, como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito- descritivo-

emotivo- racional- literal- metafórico- concreto- abstrato, enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano. [...]. (FERREIRA; BRITO, 1995, p. 02).

Com isso, verifica-se que a Libras é uma língua com toda as particularidades de qualquer outra língua.

[...] A língua é um sistema de signos compartilhados por uma comunidade linguística comum. As falas ou sinais são expressões de diferentes línguas. A língua é um fato social, um sistema coletivo de uma determinada comunidade linguística, é a expressão linguística tecida em meio às trocas sociais, culturais e políticas[...] (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 7-8).

Portanto, “não basta ter um vocabulário enorme de uma língua. A pessoa precisa ‘entrar’ na língua, ‘viver’ essa língua para poder ensinar por meio dela” (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p.9).

Deste modo a identidade e a cultura surda se relacionam, sendo fundamental na vida da pessoa surda.

As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas, moldam-se de acordo com a maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito, e dentro dessa receptividade culturais, também surge aquela luta política ou consciência posicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que tomam corpo menos habitável, na sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social. (PERLIN, 2004, p.77-78).

Com isso, acredita-se que o melhor para o surdo é aprender a língua brasileira de sinais. No entanto se faz necessário que o surdo tenha acesso às duas línguas sempre dando prioridade à sua língua materna.

A cultura tem a ver com a produção e intercâmbio de significados – o “dar e receber de significados” - entre os membros de uma sociedade ou grupo. Assim:

Dizer que duas pessoas pertencem a uma mesma cultura é dizer que elas interpretam o mundo da mesma maneira mais ou menos parecidas e podem se expressar, seus pensamentos e sentimentos concernentes ao mundo, de forma que seja compreendida por cada um. Assim sendo, a cultura depende de que seus participantes interpretem de forma significativa o que esteja ocorrendo ao seu redor e “entendam” o mundo de forma geral semelhante. (HALL,1997, p.2).

Ainda sobre cultura Siems (2010, p.53) “compreende que o processo de construção dos indivíduos é de natureza social, estabelecida em contexto cultural, a partir das relações com os outros, medidas pela linguagem. ” Assim, o sujeito vai se construindo se percebendo como ativo no meio em que vive.

A Libras foi regulamentada através da Lei nº 10.436/2002, e sua regulamentação veio através do Decreto nº 5.626/2005. Assim, define no seu Art. 5º:

ART. 5º A formação de docentes para o ensino de libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de pedagogia ou curso normal superior, em que libras e língua portuguesa escrita tenha constituído línguas de introdução, viabilizando a formação bilíngue.

§1º Admite como formação mínima de docente para o ensino de libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a formação ofertada em nível na modalidade normal, que viabiliza a formação bilíngue, referida no CAPUT.

ART 4º A formação de docentes para o ensino de libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em letras libras ou em letras: Libras/língua portuguesa com segunda língua. (BRASIL, 2005).

Desta forma, fica instituído que a educação dos surdos deve ser bilíngue. Para se definir Bilinguismo depende de várias questões, de ordem política, social e cultural. Assim, Goldfeld (1997) afirma que:

O bilinguismo tem pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua a língua oficial de seu país (...) os autores ligados aos bilinguismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da comunicação total. Para os bilinguistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez. (GOLDFELD, 1997, p.38).

Ainda acerca do bilinguismo pode afirmar que:

(...) a fundamentação dessa abordagem é o acesso da criança, o mais precocemente possível, à língua de sinais e à linguagem oral. No entanto, ambas não devem ser assimiladas simultaneamente, dada a diferença estrutural entre elas. A língua de sinais (L1, primeira língua) deve ser adquirida por meio da interação entre a criança e o adulto surdo, e a língua na modalidade oral seria fornecida à criança pelo adulto ouvinte, surgindo como segunda língua (L2), teoricamente baseada nas habilidades lingüísticas já desenvolvidas pela primeira língua (...) (SANTANA, 2007, p.165-166).

Mais de 150 pesquisas realizadas nos últimos 35 anos evidência o que Goethe, filosofo alemão, disse uma vez: A pessoa que conhece apenas uma língua não a conhece de fato. As pesquisas sugerem que crianças bilíngues também podem desenvolver mais flexibilidade cognitiva, em função de terem o procedimento de informação através de duas línguas. (CUMMINS, 2003 apud FERNANDES, 2008).

Pode-se ressaltar o trabalho e a importância do educador para que haja êxito em qualquer proposta pedagógica. Portanto,

Se pais ouvintes estão pensando em sinais e tendo contato social com pessoas surdas e se as crianças surdas podem ter um período com os pais e outros com surdos adultos então, a língua de sinais pode ser a língua materna das crianças surdas e a segunda língua dos pais ouvintes. (AHLGREN, 1994, p.60).

Quanto às características de um professor em uma escola bilíngue para surdos Davies (1994) descreve três aspectos básicos:

- A- O professor deve ter habilidade para levar cada criança a identificasse com um adulto bilíngue;
- B- O professor deve conhecer profundamente as duas línguas, ou seja, deve conhecer aspectos da língua requeridos para o ensino da escrita além de ter bom desempenho comunicativo.
- C- O professor deve respeitar as duas línguas, isso não significa tolerar a existência de uma outra língua reconhecendo o estatuto linguístico comum a elas e atentando as diferentes funções que cada língua apresenta para criança. (DAVIE, 1994, apud QUADROS, 1997, p.33).

Com isso, foi possível verificar que para atuar na educação com surdos o conhecimento da Libras é fundamental. Além disso, o conhecimento do bilinguismo também é necessário. Se o docente não tiver estes conhecimentos não será possível educar alunos surdos.

3 RECURSOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi do tipo descritiva, que de acordo com Prodanov e Freitas (2013):

Expõe as características de uma determinada população ou fenômeno, demandando técnicas padronizadas de coleta de dados. A ideia é colocar a maior quantidade possível de informações sobre o assunto que possam ajudar a responder questões tipo “o que” e “como” ou seja, questões como foco na descrição. (FREITAS, 2013, p.127).

Quanto a abordagem do método a pesquisa será do tipo qualitativo segundo Prodanov (2013):

O ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômeno e atribuição de significados. É mais indutiva, demanda mais esforços dissertativos no sentido de contar uma história única. (PRODANOV, 2013, p.127)

O tipo de pesquisa será o método indutivo, Prodanov e Freitas (2013, p.127) explicam que é “O argumento passa do particular para o geral, uma vez que as generalizações derivam de observações de casos da realidade concreta. ”

Esta pesquisa será quanto ao procedimento técnico do tipo estudo de caso, que de acordo com com Prodanov e Freitas (2013):

Representa a estratégia preferida quando colocamos questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. (PRODANOV, 2013, p.127)

Para coleta dos dados foi utilizado um questionário com perguntas abertas e fechadas para quatro professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola pública da rede estadual de ensino.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Conhecimento da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS

O uso da Libras na sala de aula que têm alunos surdos é fundamental, assim já afirma a Lei que garante aos surdos esse direito (BRASIL, 2002). Por isso, foi perguntado aos docentes da Unidade Educacional pesquisada.

De acordo com os dados coletados na referida escola pesquisada os docentes responderam sobre seu conhecimento em Libras: “Prof. 1 - Bom; Prof. 2 Bom; Prof. 3 Bom; Prof. 4 Bom”. Também foi constatado, através do questionário que todas as docentes se comunicam com seus alunos através da Libras.

Com isso, constata-se que as docentes desta Unidade Escolar possuem conhecimento na Língua de Sinais o que é fundamental para a prática em uma escola que têm alunos surdos. Embora avaliem seu domínio como bom, já é suficiente para a relação entre professor e aluno. No entanto, a formação continuada na área de Libras deve ser constante.

4.2 O bilinguismo

O bilinguismo tem a finalidade de proporcionar um ambiente linguístico à criança, no qual as pessoas interajam com elas de maneira natural, da mesma forma acontece com as crianças em geral por meio da língua oral.

A proposta bilíngue, surgiu baseada nas reivindicações dos próprios surdos pelo direito à sua língua e pelas pesquisas linguísticas sobre a língua de sinais. Na adesão do bilinguismo, deve-se optar pela apresentação simultânea das duas línguas a língua de sinais e língua da comunidade majoritária. (GUARINELLO, 2007, p. 45-46).

Através da coleta dos dados que foi realizada com as professoras do turno da manhã da Escola Estadual, pode-se constatar que as quatro têm o domínio da Libras e conversam, brincam e aplicam tarefas com todos os alunos, tanto surdos quanto ouvintes comprovando que há possibilidade de haver interação e inclusão na sala de aula regular. Assim, as docentes estimulam sempre os alunos para participarem das aulas com atividades, através de folhetos e teatro.

Ainda, falando sobre o bilinguismo, questionou-se às docentes, qual seria o maior desafio numa sala de aula na proposta ao bilinguismo?

A professora (1) afirmou que o maior desafio seria dentro da sala de aula na proposta do bilinguismo: o suporte.

A professora (2) respondeu que o maior desafio na sala de aula dentro da proposta do bilinguismo é o apoio.

A professora (3) respondeu que precisaria competência para proposta do bilinguismo em sala de aula.

Enquanto a professora (4) afirmou que o grande desafio na sala de aula, na proposta do bilinguismo seria a língua portuguesa para os surdos.

Apesar de as professoras conhecerem a Libras, na proposta do bilinguismo demonstram necessitar de mais apoio, mais suporte para atuação. Necessitando de mais formação na área, mais ideias de estratégias pedagógicas para atender as necessidades pedagógicas dos alunos surdos neste contexto bilíngue.

4.3 Planejamento

O planejamento é uma necessidade constante das atividades humanas. Planejar o ensino ou a ação didática significa prever as ações e os procedimentos do professor junto aos seus alunos, visando atingir todos os níveis de crianças para que tenham uma aprendizagem satisfatória e futuro promissor.

Planejamento é sinalizar as características da clientela (aspirações, necessidades e possibilidade dos alunos); Refletir sobre os recursos disponíveis; Prever e organizar os procedimentos do professor, bem como as atividades e experiências de construção do conhecimento; Prever e escolher os recursos de ensino mais adequados para estimular a participação dos alunos nas atividades de aprendizagem. (HAIDT, 1995).

O planejamento didático também é m processo que envolve operações mentais, como: analisar, refletir, definir, selecionar, estruturar, distribuir ao longo do tempo e prever formas de agir e organizar.

Sobre o planejamento foi perguntado às professoras da escola pesquisada se há planejamento diferenciado para os alunos surdos. A partir das respostas detectou-se que três dos docentes responderam que sim, o planejamento das atividades diferenciadas, somente uma colocou que não, as atividades eram as mesmas, somente adaptadas para que eles possam entender melhor.

Para obter um ensino eficiente e de qualidade, a educação vem aperfeiçoando suas técnicas didáticas, tendo um dos recursos, as atividades lúdicas. O jogo é a atividade lúdica mais trabalhada, pois estimula as várias inteligências. Através desses materiais, o educador desenvolve atividades divertidas e que ensinam aos alunos valores éticos, morais onde haja interação entre eles e seu professor numa aula sem rotina. Segundo Gilda Rizzo (2001, p.40) "...a atividade lúdica pode ser, portanto, um eficiente recurso aliado do educador, interessado no desenvolvimento da inteligência de seus alunos, quando mobiliza sua ação intelectual"

Assim, verifica-se que as docentes adaptam os conteúdos e materiais para seus alunos surdos, diante da necessidade de cada um. O que é adequado diante da realidade da sala de aula regular, neste contexto do bilinguismo, pois os alunos podem necessitar de estratégias e materiais diferenciados tendo em vista sua particularidade que é a visão como principal meio de aprender.

4.4 Desafios no cotidiano escolar

Em todo contexto histórico da educação dos surdos, sempre há desafios a serem vencidos desde a idade média, onde estudiosos, médicos, monges eram a favor da educação dos surdos e outros que a procuravam de qualquer maneira e forma tortuosa, macabra, fazendo experiências científicas auditivas.

Atualmente, dificuldades também são encontradas na perspectiva da educação dos surdos. Foi perguntado aos professores sobre os principais desafios que encontravam no cotidiano escolar na educação de surdos.

Segundo elas, os principais desafios no cotidiano escolar na educação dos surdos, começam pelo apoio da família da criança surda. No qual o principal entrave é o da comunicação. As famílias não entendem a importância do conhecimento da Libras tanto para a criança surda quanto para os integrantes da família. Pois sem comunicação a relação entre eles fica prejudicada e em consequência a vida da criança.

Outro desafio citado pelas professoras foi o não conhecimento da LIBRAS por parte de alguns alunos, deixando-as atrasados em relação ao conteúdo e aos outros alunos. Não conseguindo aprender sua própria língua materna (L1), nem mesmo (L2). Este ponto é crucial, pois dominar sua língua fica quase impossível aprender uma segunda.

Os recursos pedagógicos em Libras, também foi apontado como um desafio, pois esses são importantes para o desenvolvimento dos alunos surdos da educação infantil ao fundamental, com brincadeiras, práticas da Libras com os colegas de turma: laboratório de música e jogos, aumentando o interesse do aluno e sua aprendizagem. Assim, verifica-se há necessidade de um maior investimento, na compra e na confecção de recursos para que as aulas possam se tornar mais atrativas e significativas para os alunos surdos.

4.5 Sugestões para melhorar o desempenho cotidiano

Muitas sugestões dentro do foco da educação dos surdos foram debatidas e tomadas para que sejam solucionadas as dificuldades. Sobre isso perguntou-se às professoras sugestões para minimizar as dificuldades educacionais como: apoio da família, falta de formação na área, surdos que não conhecem Libras, falta de material pedagógico, estrutura inadequada da escola.

Esse questionamento foi respondido por apenas duas das docentes: Professora 1: “A família deve dar todo o apoio necessário ao aluno surdo e iniciar a aprendizagem em Libras logo que descobrir a deficiência. ” Professora 4: “Um estudo

mais aprofundado para educação do surdo, profissionais qualificados e material especializado. ”

Diante das respostas das docentes verifica-se inicialmente o destaque ao apoio familiar no sentido da aprendizagem da língua de sinais. Pois, as famílias por falta de conhecimento, ou por não entender a importância da língua na vida da criança acaba deixando de lado esta questão. No entanto, vale destacar que sem comunicação não há diálogo e sem este a aprendizagem a educação de modo geral será prejudicada.

O outro ponto destacado aborda a qualificação profissional e o material específico para o trabalho com o surdo. Verifica-se que ambos estão atrelados, pois a formação dos professores perpassa pela produção e elaboração de estratégias e materiais para o ensino. Portanto, está faltando formação continuada, no sentido de capacitar os docentes para sua prática, com técnicas mais diversificadas para uso no cotidiano.

Assim, compreende-se que há necessidade de investimento na formação continuada, bem como na aquisição de materiais pedagógicos para uma atualização nas metodologias de ensino. Além de um trabalho direcionado às famílias dos alunos, no sentido de conscientizar da importância de todos dominarem a Libras e a usarem no cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o contexto atual da educação do País algumas mudanças começaram a ocorrer nas últimas décadas. Um dos temas que têm ganhando destaque foi o da inclusão escolar. Assim, todas as pessoas em idade escolar devem frequentar a escola regular. Portanto, não cabe mais nesta nova conjuntura escolas especiais, nas quais pessoas com algum tipo de deficiência estudem separadas dos demais.

Neste contexto, emerge também o reconhecimento da Libras como língua oficializada do Brasil. Com esta, a educação de surdos também passa necessitar de modificações, como a oferta da educação bilíngue em escolas regulares.

Assim, está pesquisa teve objetivo analisar o processo de ensino em uma escola regular que atende alunos surdos. Assim, foi realizada uma entrevista com as docentes, com o intuito de compreender os desafios no seu cotidiano.

Os questionamentos foram sobre: os níveis de conhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras foi questionado se todas se comunicam com seus alunos; as possibilidades e desafios do bilinguismo na sala regular; materiais e conteúdos trabalhados com os alunos surdos neste contexto de sala; por último foram abordadas as sugestões, do ponto de vista das docentes, para que os desafios sejam sanados.

Ficou muito evidente na fala das docentes que o desconhecimento da Libras, por parte dos familiares dos alunos, bem como deles prejudica o aprendizado, uma vez que este é fundamental neste processo. Deram destaque também ao comprometimento da família com a aprendizagem de modo geral.

Outro destaque foi acerca da falta de materiais disponíveis para trabalhar com os alunos no contexto bilíngue. Estes, devido a rotina de trabalho tem dificuldade de produzir e a escola não disponibiliza muitos materiais, como jogos, etc.

Portanto, pode-se verificar que a escola pesquisada vem cumprindo com seu papel na educação bilíngue, embora possa melhorar em alguns aspectos educativos, bem como na sua estrutura e investimento em materiais pedagógicos.

RERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, C.; FERREIRA, J. P.; DAMÁZIO, M. F. M. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: Abordagem Bilíngue na Escolarização das Pessoas com Surdez**. Brasília: MEC/SEESP/UFC, 2010

AHLGREN, I. Sign language as the first language. In: AHLGREN; HYLSTENSTAM (Eds) **Bilinguism in deaf education**. Hamburg: Signum-Verl, 1994. p. 15-36.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 25 de abr. 2002

_____. Decreto nº 5.616, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e do Art. 18 da Lei nº 10.098 de 19 de dez. 2000. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 23 de dez. 2005.

_____. Ministério de Educação e Cultura. **LDB** - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC/SEESP, Brasília, 2008.

BRITO, L. F. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1995.

FERNANDES, E. **Surdez e Bilinguismo**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.

FERREIRA, L. **Por uma Gramática da Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

GOLDFELD, M. **A criança surda**. São Paulo: Pexus, 1997

HALL, S. A questão multicultural. In: SOVIK, L. (Org.). **Da diáspora identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG/UNESCO, 1997.

HAIDT, Regina Cazaux. **Curso de didática geral**. 7º ed. São Paulo. Ática, 1995

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de (Orgs). **Metodologia do Trabalho científico [recursos eletrônicos]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PERLIN, Gladis. O Lugar da Cultura Surda, In THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs), **A Invenção da Surdez**: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de Surdos: Aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS,; KRNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L.P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidade surdas: encruzilhadas de lutas sociais e teóricas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 565-582, maio/ago. 2005.

SIEMS, M. E. R. **Identidade Docente em questão Educação Especial em Tempos de Educação Inclusiva**. São Carlos: Pedro & João, 2010.

STROEBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

_____. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.